

O Orientalismo E O Silenciamento Midiático Da *Thawra* A Imagem Do "Árabe" E A Construção De Mohamed Bouazizi

Leonardo Pagano Landucci¹

Elizabete Sanches Rocha²

89

Resumo

Depois de 10 anos, a conhecida, ocidentalmente, como “Primavera Árabe” ainda deixa profundas marcas políticas e discursivas dentro do saber intersubjetivo existente acerca dos países do Oriente Médio e Norte Africano. Reconstruindo tais discursos, a partir da construção imagética de Mohamed Bouazizi, jovem tunisiano que ateou fogo em si e que ficou conhecido como catalisador dos movimentos da *Thawra*, o presente artigo busca discutir como as relações entre a mesma e a imagem do “Árabe” estereotipado nascem de bases debatidas por Edward Said em seu conceito de Orientalismo. Partindo de três momentos centrais para a formação discursivo-ideológica acerca de Mohamed Bouazizi, debate-se o peso das mídias tradicionais na construção do arranjo internacional e o quanto é exposta tal relevância como fomentadora de ignorância e desconhecimento acerca da região para o resto do mundo.

Introdução

Ao discutir o cenário atual do Oriente Médio e do Norte Africano, é impossível não tratarmos das questões relativas às manifestações que ocorreram a partir de dezembro de 2010 em diversos países da região. Tais contestações deixaram profundas marcas em muitas nações dentro de suas instâncias políticas e intersubjetivas - noção aqui usada

¹ Graduando em Relações Internacionais pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” de Franca. É pesquisador de iniciação científica pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo nº 2019/26061-2, cujo tema é: “A participação da mídia ocidental na Thawra: aspectos culturais e políticos da articulação do Orientalismo midiático no pós-Primavera Árabe”. E-mail: leonardo.landucci@unesp.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1338768819301424>.

² Doutora e docente do curso de Relações Internacionais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” de Franca. Orientadora do projeto de iniciação científica pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo nº 2019/26061-2, cujo tema é: “A participação da mídia ocidental na Thawra: aspectos culturais e políticos da articulação do Orientalismo midiático no pós-Primavera Árabe”. E-mail: elizabete.sanches@unesp.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3322908028637904>.

como conhecimento compartilhado por um grupo de indivíduos dentro de uma lógica social, como pontua Adler (1999) - e, apesar de terem sido tratadas como um movimento único, demonstraram a pluralidade de interesses e necessidades dentro de cada país da região.

Na Tunísia, país que primeiro experienciou uma revolução, não foi diferente. Seu histórico de contestação ao Estado policial de Zine El Abidine Ben Ali³ foi uma das marcas da atuação política populacional por anos. Seja por meio da resistência à perseguição de membros de partidos do Islã Político, principalmente, o *Ennahda*, ou pelos levantes de Gafsa em 2008, a nação tunisiana apresenta um forte histórico de lutas populares contra o regime e sua contínua corrupção. O cenário, portanto, se intensifica após um marcante acontecimento: a autoimolação de Mohamed Bouazizi.

Bouazizi, um vendedor ambulante de frutas, cujo carrinho de vendas foi confiscado pela polícia, foi fruto de uma “obsessão ocidental com o mito reducionista da fundação da Primavera Árabe” (GUESMI, 2020, tradução nossa). Esse compromisso discursivo do Ocidente com a história de Mohamed Bouazizi, como qualquer outro, se configura como uma decisão política, em prol da retirada de foco naqueles que estavam perdendo suas vidas lutando por mudança social e política na Tunísia, dando lugar para uma narrativa de apagamento dos movimentos do país, como buscaremos discutir.

O conceito de discurso que utilizamos no presente artigo, o foucaultiano, remete a essa lógica de expectativas e escolhas políticas, sendo um “jogo estratégico de ação e reação, de pergunta e resposta, de dominação e de esquiva e também como luta” (BRANDÃO, 1995, p. 37). Nesse sentido, ressaltamos as formações discursivo-ideológicas ocidentais - como representação do que “pode e deve ser dito” (ORLANDI, 2005, p.43), segundo uma visão de mundo específica - como baseadas em uma lógica discursiva reducionista de dominação e de tomada do protagonismo da “Primavera Árabe”.

Nesse sentido, como discute Gelvin (2015), o próprio termo “Primavera Árabe” “deixa implícito que as lutas por direitos políticos, econômicos e sociais no mundo Árabe poderiam ser contidos no tempo de vida de uma estação” (GELVIN, 2015, p. 38, tradução

³ Ben Ali governou a Tunísia como presidente dos anos de 1989 até 2011, chegando ao poder com um golpe sobre seu antecessor, Habib Bourguiba, e sendo deposto pelos movimentos da *Thawra*. Seu governo foi marcado por uma forte aliança com as potências ocidentais e com dura repressão aos seus críticos e opositores.

nossa). Buscando reverter tal quadro e pela lógica reducionista adotada pelo termo, utilizamos a nomenclatura *Thawra*, revolução em árabe, para representar as manifestações tunisianas, como sugere Alhassen (2012).

Todos esses compromissos discursivos e formações discursivo-ideológicas adotados pelo Ocidente contribuem para o corpo discursivo do que Said (2007) vai chamar de Orientalismo. Segundo Said (2007), em seu livro de mesmo nome, o Orientalismo é “um estilo de pensamento baseado numa distinção ontológica e epistemológica entre o “Oriente” e (...) o “Ocidente”” (SAID, 2007, p. 29). Portanto, o Orientalismo reside na prática discursivo-ideológica de representar o Oriente de maneira essencialista e caricata, em certa medida.

Por conta de tais formações, a população da região, de maneira simplista, posta como “Árabe”, foi representada a partir de mecanismos de generalização e deturpação. Exemplos serão discutidos ao longo do texto, mas, como Said (2007, p. 381, 413) pontua, as representações dos “árabes” geralmente giram em torno de imagens de indivíduos passivos frente à dominação e que buscam apenas o lucro, em um ambiente de pura selvageria. Em outras palavras, existe a crença “acerca do “inelutável caráter submisso do povo dominado à sua liderança carismática ou de legitimidade religiosa” (SCHIOCCHET, 2011, p. 43).

Tal crença de passividade é inclusive exemplificada por Said (2007): “Os árabes até agora demonstraram uma incapacidade para a unidade disciplinada e duradoura. (...) Qualquer ação coletiva para benefício comum ou o lucro mútuo lhes é alheia.” (HAMADY, 1960, p. 100, apud SAID, 2007, p. 413). A partir desse pensamento, não se esperava que fosse possível uma revolução aos moldes da *Thawra* e, portanto, a permanência de formações discursivo-ideológicas Orientalistas explica a perspectiva simplista pela qual comentadores ocidentais retratam tal movimento.

Nesse sentido, o presente artigo busca discutir a narrativa Orientalista presente na mídia ocidental, com foco para a construção da figura de Mohamed Bouazizi, como meio de silenciar os aspectos políticos da *Thawra*, a partir de uma noção de silenciamento discursivo, conforme Orlandi (2005, p. 83). A importância do presente estudo, portanto, se estabelece por apresentar uma oposição direta à narrativa Orientalista sobre esse movimento que foi de extrema importância para a Tunísia. Portanto, as conclusões

apresentadas aqui detêm uma relevância que transborda os objetos em questão e busca debater quem tem poder discursivo e de representação dentro do cenário internacional.

Para isso, o artigo divide-se em quatro seções. A primeira vai discutir o papel da mídia dentro da narrativa Orientalista e sua importância política para as relações internacionais. Na segunda, serão analisados os momentos iniciais da *Thawra*, assim como o papel dos discursos de selvageria árabe para a representação dos movimentos. A terceira parte debate os meios e motivações para a construção de Bouazizi como um mártir, em oposição ao discurso de passividade árabe. Por último, discutiremos como a representação do legado de Bouazizi afetou as manifestações e a transição tunisiana, colocando o curso e o discurso dos eventos ao protagonismo dos Estados Unidos.

A mídia como construtora do Oriente

O papel da mídia como construtora de realidades foi por muito tempo subjugado dentro das Relações Internacionais, como lembra Camargo (2009). O próprio papel do discurso foi deixado de lado nas primeiras abordagens da disciplina. Nesse sentido, na discussão acadêmica sobre o Sistema Internacional e seus arranjos - nos termos de Onuf (2013), buscando substituir o essencialismo de “estrutura” -, “assuntos como identidade, cultura, valores e idéias ficaram retidos como sendo importantes somente no nível doméstico.” (CAMARGO, ROCHA, 2011, p. 8-9).

Até os dias atuais, por conta da normatividade acadêmica da visão Estadocêntrica das Relações Internacionais, o papel das mídias, tanto tradicionais quanto novas, ainda necessita de um aprofundamento. Desse modo, discutiremos, antes de partir para o tema da presente seção, o papel da mídia como um ator internacional, com foco especial para a CNN, nosso objeto discursivo, e sua cobertura/construção do Oriente.

Como lembra Onuf (2013), “agência é uma condição social” (ONUF, 2013, p. 4), por conta disso, seria ingênuo dizer que o peso do ator midiático é único, independentemente do veículo. No entanto, por conta de seu alcance e de sua pessoalidade, a mídia conquista um espaço dentro da construção do intersubjetivo mundial que até poucas décadas atrás seria impensável. Não é qualquer veículo midiático que consegue um papel de ator dentro do Sistema Internacional, porém sua identidade lhe confere vantagens dentro do arranjo internacional como ator de informações e verdades.

Uma teoria que possibilita essa compreensão aprofundada da possibilidade de atuação da mídia como ator internacional e justifica a escolha da CNN como representante da mídia ocidental para o presente trabalho é a do Efeito CNN. Zingarelli (2010, p. 8) discute como a CNN se tornou um dos maiores nomes na indústria, por ter reformulado seu modelo de divulgação de notícias no final da década de 80, passando para um molde de exibição instantânea, ou seja, assim que um acontecimento ocorresse. Após a Guerra do Golfo, então, o jornal ganhou destaque tanto dentro dos Estados Unidos quanto fora, tornando possível uma percepção maior sobre o Efeito CNN.

A autora, construindo a partir de Bahador (2007), explica a ideia da teoria, segundo a qual a mídia molda o Sistema Internacional com um modelo que toma como base quatro tipos de influência percebida: “o efeito de definição de agenda, de impedimento, de contestação e o efeito acelerador” (ZINGARELLI, 2010, p. 12, tradução nossa). Cada um desses modelos pode ser aplicado tanto ao se pensar no governo quanto na opinião pública. Portanto, a teoria do Efeito CNN discute como a mídia pode afetar decisões e o próprio conhecimento intersubjetivo, com auxílio de sua velocidade de contato com outros atores internacionais.

A título de breve explicação, o efeito de definição de agenda esboça como o ator midiático afeta diretamente planos políticos e até mesmo sociais. O de impedimento entra em consonância com a opinião pública, levando a sociedade a apoiar ou impedir uma ação no cenário local e internacional. O efeito de contestação se relaciona a um discurso intervencionista que, por conta da geração de comoção na população, um governo é levado pela mídia a aliviar algum sofrimento humano. Finalmente, o efeito acelerador é responsável por tornar processos políticos menos lentos, por conta, muitas vezes, de um apelo popular.

Desse modo, por deter controle de um meio de circulação de discursos, em pequena ou grande escala, a mídia pode alterar o próprio tecido das relações entre os países e, assim, garantir uma agência. Por conta disso, aqueles que detêm o controle da tecnologia e dos veículos midiáticos - pertencentes em sua maioria ao Ocidente - vão apresentar uma influência maior dentro do cenário mundial. Tal lógica acaba sendo uma ameaça para a pluralidade e um conhecimento intersubjetivo livre da dependência externa, visto que esse arranjo pode “minar a soberania cultural e acentuar a já profunda

divisão em termos de recursos informacionais entre e dentre as nações” (THUSSU, 2000, p. 6, tradução nossa).

Tendo isso em mente, podemos perceber que um discurso midiático dos Estados Unidos não apresenta um peso apenas interno ou em seu entorno estratégico, mas uma relevância global de construção social. Por isso, estudos sobre a posição discursiva midiática internacional se tornam tão vitais, visto que uma formação discursivo-ideológica pode se expandir de maneira acrítica e alterar a imagem de populações inteiras dentro do imaginário mundial.

Além disso, se “uma convenção lembra os agentes daquilo que eles sempre fizeram” (ONUF, 2013, p. 11, tradução nossa), as formações discursivo-ideológicas midiáticas existem dentro de um consenso intersubjetivo, ou, em outras palavras, “a formação das notícias e das opiniões dentro de uma sociedade, em geral, operam de acordo com regras, dentro da estrutura, por meio das convenções que dão a todo o processo uma inconfundível identidade” (SAID, 1997, p. 50, tradução nossa). Adotando o consenso, portanto, Said (1997) vai pontuar como os jornalistas dos Estados Unidos acabam se tornando participantes ativos da construção da superpotência americana e, por isso, defendem os interesses da nação ameaçada por países estrangeiros (SAID, 1997, p. 51), reforçando convenções imperialistas.

Um dos métodos para buscar tal defesa é a deturpação do Outro, ou, nos termos de Said (2007) e a partir da perspectiva do Oriente, o Orientalismo. Como citam Maso e Rocha (2020, p. 9, tradução nossa): “O Outro, em tempos de perigo, é transformado em “inimigo”. Em tempos de paz, por mais que sempre seja considerado um perigo potencial (...), o rosto do outro é instrumentalizado e manipulado como objeto (...).” (DUSSEL, 1977, p. 59). Nesse sentido, com intuito de adotar o discurso de superpotência ameaçada, o Orientalismo entra em jogo como uma das mais básicas formações discursivo-ideológicas para o discurso de dominação acerca do Oriente Médio e Norte Africano.

Juntando a preponderância dos Estados Unidos no fluxo de notícias, visto seu controle e poderio informacional-tecnológico, com uma postura bélica de deturpação da imagem do Outro, a construção midiática do Oriente, na maioria dos veículos, acaba reiterando o Orientalismo. Soma-se isso ao Efeito CNN e o poder de construção de regras, convenções e realidades da mídia ocidental é único na história humana na escala global em que o mesmo se apresenta.

Introduzido, finalmente, o papel da mídia como construtora do Oriente, pensar as discussões que se seguirão dentro de uma lógica construtivista macroestrutural - termo aparente em Godinho (2016) - é de extrema necessidade. Os discursos que serão mostrados não afetam apenas o leitor imediato, mas são reverberados por todo o Sistema Internacional como fato. Nesse sentido, a presente seção busca lembrar que

a verdade não está no discurso, mas somente no efeito que produz. No caso, o discurso de informação midiática joga com essa influência, pondo em cena, de maneira variável e com consequências diversas, efeitos de autenticidade, de verossimilhança e de dramatização. (CHARAUDEAU, 2006, p. 63)

O discurso da selvageria e da violência

Se o Orientalismo coloca o Oriente como objeto e o Ocidente como sujeito, não seria surpreendente se pensar que o sujeito saberia melhor que o objeto sobre sua própria essência e suas necessidades. Em consequência, o discurso da *Thawra* na mídia floresce dessa narrativa liberal-civilizatória, na qual “‘o Ocidente’ é representado como o guardião de um já escrito discurso emancipatório tendo os Direitos Humanos como seu centro, o qual é desejo do mundo Árabe, mas somente em aprendizado, sem poder participar efetivamente” (BORG, 2016, p. 13, tradução nossa).

Essa superioridade e discurso liberal-civilizatório torna verossímil o discurso de submissão árabe e, para além disso, a ideia de que a população da região seria selvagem, no sentido de que tal barbárie necessita de correção pelo moderno Ocidente. Em outras palavras,

A negação construiu várias regiões, tornando o “Terceiro Mundo” espaços vazios esperando serem preenchidos pela escrita Ocidental, como um “povo sem história”, nas palavras de Eric Wolf (1982). Dentro desses espaços vazios, o Ocidente deve escrever questões sobre civilização, progresso, modernização e democracia. (DOTY, 1996, p. 11, tradução nossa).

Nesse sentido, após a autoimolação de Mohamed Bouazizi, o sentimento de barbárie tomou conta das representações da *Thawra* pela CNN. Em uma notícia assinada pela CNN Wire Staff (2011), temos a primeira retratação do cenário em questão. A sua manchete já começa apontando para um princípio de selvageria, ao apontar para a violência da revolução, que ficou conhecida mundialmente por sua atuação pacífica:

“Inspiração para protestos violentos morre na Tunísia” (CNN WIRE STAFF, 2011, tradução nossa).

Ao tratar dos momentos iniciais da revolução, a cegueira política, por se pensar que tais demonstrações nunca poderiam ocorrer, marca o discurso. No lugar de explicar as razões das manifestações, a notícia as retrata “não como uma reação lógica a despotismo e desejo natural por liberdade e democracia, mas como um produto da aparente irracionalidade e impulsividade árabe” (GUESMI, 2020, tradução nossa). A partir dessa noção, a única menção a motivações genuínas está presente na admissão de que os protestos estavam acontecendo por “melhorias no serviço social” (CNN WIRE STAFF, 2011, tradução nossa).

A figura de Bouazizi, portanto, aparece como um catalisador e como uma das mortes por conta dos protestos: “Bouazizi é a quarta pessoa a morrer desde o começo dos protestos” (CNN WIRE STAFF, 2011, tradução nossa). Tal discurso busca reforçar a questão da violência como motor do “Mundo Árabe”, enquanto os governos autoritários, em sua maioria apoiados pelo Ocidente, saíam ilesos dessa culpabilização aos olhos do público.

Esse discurso fica claro pela última, e apagada, sentença da notícia: “A Tunísia foi governada 23 anos por Zine el Abidine Ben Ali, um aliado das potências ocidentais e alvo de ativistas e grupos de Direitos Humanos que afirmam que ele conduz um Estado policial que infringe direitos dos cidadãos” (CNN WIRE STAFF, 2011, tradução nossa). A sentença é relevante visto que opõe duas figuras centrais, de um lado as “potências ocidentais” que aparecem nos discursos da CNN como protagonistas da expansão da democracia e dos Direitos Humanos, e do outro “ativistas e grupos de Direitos Humanos”, cuja falta de nomeação de quais seriam tais grupos, torna seu argumento mais fraco, comparado com a importância do apoio ocidental.

Tal frase revela, portanto, um compromisso de ressaltar a dualidade do governo repressivo de Ben Ali e do apoio dado pelos países ocidentais, dando mais relevância ao segundo fato do que ao primeiro. Isso se deve ao fato de que a influência e a importância da aliança eram tamanhas para os Estados Unidos que “antes da revolta, a Tunísia foi elogiada pela comunidade internacional, pela mídia ocidental, pelo Banco Mundial e pelo Fundo Monetário Internacional como um modelo de crescimento econômico e estabilidade política” (GANA, 2013, p. 3, tradução nossa). Essa aliança, portanto, por

mais contraditória que pareça, nos ajuda a entender as motivações dos discursos da CNN no início das manifestações.

O governo de Ben Ali nasceu de um golpe em 1987, marcando o fim de outro longo comando da Tunísia, o de Habib Bourguiba. Apesar de distintos, uma forte marca de ambos os governos foi a opressão contra grupos que disseminavam o Islã Político. Nesse sentido, “em Ben Ali, os Estados Unidos tinham um sucessor que, por conter a onda islâmica na sua área, era útil para os objetivos estratégicos do país” (REJEB, 2013, p. 86, tradução nossa).

Ao perceberem os protestos que estavam ocorrendo na Tunísia, a mídia ocidental não os representou como distantes, mas como um ataque violento a um aliado próximo, dentro da sua narrativa de Guerra ao Terror. Sendo assim, e como buscamos ressaltar por meio desta análise, o Orientalismo cegou tanto os comentaristas ocidentais, que a mera possibilidade de um de seus maiores aliados da região ter seu regime contestado era ilusória. Não apenas ilusória, como irreal. As manifestações, que já não eram novidade, a exemplo de Gafsa, apenas seriam respostas selvagens e violentas, a um ato de resistência “singular”.

A construção do mártir

Se a manchete motora da seção anterior dizia muito sobre os aspectos do Orientalismo relacionado a imagens de selvageria, a primeira reportagem deste segundo momento, publicada 11 dias depois da anterior, já começa a revelar o conteúdo de que trataremos e uma mudança drástica no discurso: “Como um vendedor de frutas causou uma revolução na Tunísia” (CNN ARABIC STAFF, 2011, tradução nossa). Cabe lembrar que apenas dois dias antes, Ben Ali partia da Tunísia, deixando um marco histórico para o dia em questão.

Sendo por conta da perda do aliado, uma hipótese segura, ou pelo apoio internacional que a *Thawra* estava angariando, em poucos dias o discurso da CNN sofreu uma ativa transformação. Para além do recurso à impulsividade e à violência, os movimentos revolucionários foram vistos como “resultado histórico pelo qual ele [Bouazizi] teve um papel central” (CNN ARABIC STAFF, 2011, tradução nossa).

Em detrimento de uma idealização das ações de Bouazizi, a população que estava nas ruas protestando contra o governo de Ben Ali ficou conhecida como o “exército da

juventude desempregada” (CNN ARABIC STAFF, 2011, tradução nossa), do qual, segundo a reportagem, o homem teria se recusado a aderir. De modo similar às lutas em Gafsa ou outras contestações do país, “muitas pessoas de Sidi Bouzid pareceram frustradas por suas lutas terem sido reduzidas à história de um único homem, ao invés do levante coletivo no qual 219 tunisianos perderam suas vidas e outras centenas sofreram sérias lesões” (RYAN, 2011, tradução nossa).

A partir de tal pensamento, se a seção anterior marcou um silenciamento das motivações dos manifestantes e de suas identidades - em prol de um pensamento essencialista Orientalista -, esta seção marca um apagamento completo da revolução, em detrimento da narrativa de Bouazizi. Por conta disso, Bouazizi acaba sendo o foco das notícias, enquanto as manifestações são o pano de fundo.

Um exemplo disso pode ser percebido logo no lide da reportagem discutido: “Uma figura desempenhou um papel fundamental nos tumultuosos eventos que varreram a Tunísia nas últimas semanas, resultando na queda do Presidente Zine Al Abidine Ben Ali e seu regime, esse final de semana, depois de 24 anos” (CNN ARABIC STAFF, 2011, tradução nossa). A construção discursiva de Bouazizi, no próprio exemplo, foge de um aspecto de ser um dos muitos atores dentro do complexo arranjo tunisiano, o colocando como ator último da revolução. O Orientalismo é justamente isso: a própria simplificação da realidade social de um país e de uma região.

“Note-se com que rapidez “o árabe” parece se acomodar às transformações e reduções - todas de um tipo simplesmente tendencioso - que lhe são impostas de modo contínuo” (SAID, 2007, p. 381). Seja por meio de seu papel secundário na revolução ou por seu comodismo frente ao desemprego, esse período nas notícias foi marcado pela essencialização da população, simplificada como “árabe”, aos moldes de Said (2007), assim como pelo silenciamento de suas ações e demandas na revolução.

Nesse sentido, Bouazizi é marcado pela exceção à “regra”, no sentido da convenção discursiva ocidental. A sua morte é destrinchada e narrada pelas reportagens da CNN como produto discursivo de consumo, buscando captar um leitor pelo apelo emocional. Um exemplo dessa construção do mártir excepcional está no final da reportagem analisada ao apresentar uma metáfora com a figura de Bouazizi.

Segundo os jornalistas responsáveis, os imigrantes ilegais que entram na Europa e queimam seus passaportes logo na chegada, evitando serem enviados de volta, ficaram

conhecidos como “harraka”, ou os “queimadores”. A reportagem conclui: “Muitos na Tunísia agora veem Bouazizi como um “harraka” - mas de sua própria maneira” (CNN ARABIC STAFF, 2011, tradução nossa). O papel da Europa na narrativa marca tal tendência de martirização de Bouazizi por meio de uma aproximação da imagem do “nós” na mídia ocidental, ou seja, fugindo de estereótipos Orientalistas da região e o colocando quase como um “ocidental” (buscando uma Europa) na formação discursivo-ideológica do Orientalismo.

O uso das fontes também apresenta uma forte relação entre a autoimolação de Bouazizi e a mentalidade liberal civilizatória da mídia ocidental, nos termos de Borg (2016). Essa formação se dá pelo fato de que, em sua maioria, as fontes utilizadas na notícia pertencem à Federação Internacional de Direitos Humanos. Sua utilização apresenta uma camada de discurso não-dita, na qual deixa-se implícito que as motivações, tanto de Bouazizi quanto da *Thawra*, se baseavam em uma narrativa de Direitos Humanos.

Tanto Alhassen (2012) quanto Jerónimo (2013, p. 125) vão pontuar que as lutas da *Thawra*, apesar de não apresentarem uma coerência e homogeneidade de exigências, buscavam em sua maioria dignidade, ou “karama”, em árabe. Tal pensamento tira o protagonismo dos Direitos Humanos, uma ferramenta analítica ocidental, apesar de ser considerada universal, e devolve a voz das manifestações à população local.

Desse modo, evita-se cair em um Orientalismo que pensa a ação de Bouazizi a partir de práticas discursivas ocidentais dos Direitos Humanos. Portanto, ao apresentar a perspectiva de construção do mártir excepcional em torno de Bouazizi, a presente seção, debatendo as incoerências da cobertura ocidental, buscou representá-lo em sua devida posição discursiva e geográfica, como um homem árabe tunisiano que, como muitos outros, lutou pelo que acreditava.

Do legado excepcional ao apagamento da revolução

Saindo do espaço temporal dos dois momentos anteriores tratados pelas duas seções prévias, vamos explorar a cobertura em torno da figura de Bouazizi e como a narrativa do seu legado foi responsável pelo apagamento da revolução em seus aspectos políticos e sociais meses após a queda de Ben Ali. Cabe ressaltar que o momento aqui

discutido é marcado pelas condições de produção - ou seja, pelo contexto sócio-histórico ideológico, como propõe Orlandi (2005) - da transição tunisiana estando em pleno curso.

O primeiro texto que trazemos para análise é “O vendedor de frutas tunisiano que deu início à revolta árabe” (KARADSHEH, WATSON, 2011, tradução nossa), cujo conteúdo estaria mais próximo a um perfil jornalístico de celebridade do que uma reportagem política. Nesse sentido, em março de 2011, enquanto a atmosfera política da Tunísia fervilhava com propostas para a transição, a CNN focava na figura de Bouazizi, tirando os holofotes da revolução e suas mudanças.

A tomada do discurso e da narrativa por meio da emoção, que fica evidente pela exposição da sua vida, pode ser percebida por todo o perfil jornalístico em questão, amplificado pelo uso das fontes e suas citações. ““Para mim, ele é mais importante que Mandela ou Gandhi ou Martin [Luther] King [Jr.]”” (KARADSHEH, WATSON, 2011, tradução nossa). Sem buscar comparar feitos, o fato desse trecho estar presente na reportagem, ainda mais quando pensamos no peso que Martin Luther King Jr., por exemplo, tem para a sociedade dos Estados Unidos e, portanto, para o público direto da CNN, torna-se uma escolha política de apelo ao sentimento extremado, colocando Bouazizi como a estrela e causa da transição tunisiana.

Um exemplo da perspectiva de exagero do peso da ação de Bouazizi está na citação de seu tio, Ridha: “Esse carrinho é um símbolo, ele representa liberdade (...). Ele derrubou o regime” (KARADSHEH, WATSON, 2011, tradução nossa). Tirando novamente o protagonismo das manifestações e colocando em Bouazizi dentro do imaginário ocidental, busca-se reiterar a ideia de que os “árabes” nunca conseguiriam se unir pelo bem comum, como acreditava Hamady (1960, p. 100, apud Said, 2007, p. 413)

Novamente, a formação discursivo-ideológica da “impulsividade e incapacidade árabe” frente à autoimolação se faz presente: “Ele [Bouazizi] é creditado por galvanizar um mal-estar contra governos pelo Oriente Médio e Norte Africano” (KARADSHEH, WATSON, 2011, tradução nossa). Esse sentimento já existia. Na Tunísia, nosso objeto, ele existiu em Gafsa, por exemplo:

No início de 2008, a frustração generalizada e a indignação com a incapacidade ou falta de vontade do governo em lidar com preocupações que eram, até então, quase universais entre os tunisianos, tomaram um rumo decididamente conflituoso nas comunidades de mineração da bacia de Gafsa quando várias questões marcantes vieram à tona simultaneamente. (PERKINS, 2014, p. 220, tradução nossa).

Creditar Bouazizi com todo o sentimento de contestação que varreu a Tunísia já seria um apagamento e um silenciamento latente, mas a CNN o coloca como protagonista de todas as revoluções da região. Tais formações discursivo-ideológicas justificam o aparecimento de notícias dez anos depois das revoluções, como a do The Guardian: “ 'Ele nos arruinou': 10 anos depois, tunisianos amaldiçoam homem que desencadeou a Primavera Árabe” (SAFI, 2020, tradução nossa).

Por conta disso, os processos revolucionários deixaram de ter uma lógica de mudança e continuidade - aos moldes de Keskes e Martin (2018, p. 19-20) - e foi imposta uma mentalidade intersubjetiva de que tudo deveria mudar rapidamente. Caso não ocorresse uma mudança esperada, os mecanismos de contrarrevolução seriam apagados em prol do protagonismo de Bouazizi, como está sendo feito e aos moldes de como ocorreu o silenciamento da própria *Thawra*.

Esse discurso de enaltecimento de Bouazizi vai se tornar ainda mais contundente um ano depois da data em que o mesmo cometeu a autoimolação, momento após as eleições constituintes do país e que foi trazido pelo artigo de opinião publicado na CNN que analisaremos: “Mohamed Bouazizi: o legado de um vendedor de frutas para o povo árabe” (SHAIKH, 2011, tradução nossa). Essa manchete já nos demonstra, ao utilizar o termo “povo árabe”, a formação discursivo-ideológica mais latente e relacionada ao Orientalismo dentro do artigo de opinião: a ideia de homogeneidade da região e o apagamento das diferenças das revoluções e até da história dos países do Oriente Médio e Norte Africano.

Como Said (2007) explica, o Orientalismo busca criar um Oriente, cuja coesão, por se tratar de “objeto científico”, é necessária. Sendo assim, tratar do legado de Bouazizi para o “povo árabe” e por pensar a “Primavera Árabe” como um movimento único, reforça a ideia de essencialismo e homogeneidade da população da região do Oriente Médio e Norte Africano. A ideia de que países com construções tão diversas no fim das contas seriam estáticos e indistintos pode ser vista nos pontos centrais do artigo: “A forma única de governança surgindo na Tunísia poderia ser um modelo para toda a região” (SHAIKH, 2011, tradução nossa).

A ideia de grandes modelos políticos essencializados e generalizantes nasce de uma busca científica por universalidade de categorias como democracia, Direitos

Humanos, governança e da própria política em si, como já trouxemos de Borg (2016, p. 13). Nesse sentido, diferente de uma construção social complexa e dinâmica da Tunísia, o arranjo da transição fica reduzido à consequência do ato de Bouazizi para diversos países, responsabilizando-o pela criação de modelos e de avanços ou derrotas políticas na região.

Apesar de Shaikh (2011) reconhecer a complexidade de uma transição, sua generalização e apagamento de aspectos políticos da região são perceptíveis. Como a jornalista coloca, “nós estamos presenciando ‘o nascimento da política árabe’. Pela primeira vez, as pessoas estão tendo uma voz e a oportunidade de lançar novos partidos e instituições” (SHAIKH, 2011, tradução). A partir de tal citação, podemos perceber o silenciamento ativo das lutas políticas contra o governo de Ben Ali, a exemplo de Gafsa, relacionando, como se faz no título, a figura de Bouazizi com o “nascimento da política na região”.

Nesse sentido, o discurso hegemônico sobre Bouazizi, ao invés de incentivar a continuidade da luta no país, busca construir uma narrativa de que a contestação só existe por pessoas extraordinárias, escondidas dentro da normatividade submissa da região. O legado é de Bouazizi nos discursos da CNN, enquanto a *Thawra* acaba ficando como um pano de fundo ou uma nota de rodapé indesejável.

Esta seção, portanto, buscou discutir como o Orientalismo, frente a provas de sua incapacidade como ferramenta de representação, busca meios de tirar o foco das imagens de luta, voltando-as para ideias de dominação. Por isso, nas imagens do Ocidente e no objeto aqui estudado, os “árabes” são “condenados como incapazes de fazerem sua própria história e sempre precisam de uma força externa - o Ocidente [ou uma figura que aspire aos valores ocidentais, como a construção da imagem de Bouazizi] para atingir mudança e “progresso” (SHIHADÉ, 2012, p. 62, tradução e comentários nossos).

Conclusões

As páginas que se seguiram demonstraram três momentos da construção discursiva da mídia ocidental em torno da figura de Mohamed Bouazizi, relacionando-os com a ideia de Orientalismo, de Said (2007). Seria um erro minar sua importância como um motor para a união das massas na *Thawra*, visto que símbolos são vitais para a

persistência de movimentos de resistência. No entanto, símbolos não derrubam governos ou reestruturam sociedades inteiras; quem faz isso são pessoas.

O que buscamos mostrar com o presente artigo é o peso do Orientalismo e de padrões de pensamentos que buscam criar uma tipificação em torno do “árabe” e sua persistência nos dias de hoje. Seu uso político, representado por traços imperialistas e de dominação, pode ter uma natureza destrutiva e intervencionista, visto que tenta tirar a história e o destino de populações inteiras de suas mãos e os coloca nas mãos dos Estados Unidos e de outras nações ocidentais.

A *Thawra* escancarou a ignorância e hipocrisia do Ocidente ao apoiar aliados estratégicos que se mantêm no poder por meio de perseguição política e apagamento da oposição. Diminuir tal movimento às ações de um homem é ignorar que uma transição política requer milhares de indivíduos dispostos a lutar contra os movimentos de contrarrevolução, ao mesmo tempo que buscam reestruturar todo o arranjo político de uma nação.

Opor a imagem do “árabe” ou da “juventude desempregada da região” à construção de Bouazizi se torna uma ferramenta para posicioná-lo como mais “ocidental” (“nós”) do que “oriental” (“eles”) na perspectiva da CNN. Este artigo assume o compromisso de colaborar com discursos que buscam colocar uma vírgula na “Primavera Árabe” e que, acima de tudo, apresentam o desejo de lançar luz sobre as narrativas e identidades locais. Bouazizi não era uma exceção ao conformismo da “juventude árabe”; Bouazizi e cada um daqueles que fizeram parte da *Thawra* são a representação do que uma população pode construir historicamente a partir da luta política.

Dez anos se passaram desde a autoimolação de Mohamed Bouazizi; este e muitos outros capítulos da história da Tunísia, ou de outros países da região, não devem mais ser contados a partir de uma narrativa reducionista ocidental do Orientalismo. Em última instância, o objetivo central do presente artigo não é mostrar uma realidade factível, mas sim discutir como todas as formações discursivo-ideológicas são políticas. Em outras palavras,

Seria o caso de eu dizer uma vez mais que não tenho um Oriente “real” a defender. Tenho, contudo, enorme consideração pela fortaleza das pessoas daquela parte do mundo, bem como por seu esforço de continuar lutando por sua concepção do que são e do que desejam ser. (SAID, 2007, p. 15)

REFERÊNCIAS

ADLER, Emanuel. Construtivismo no estudo das Relações Internacionais. **Lua Nova**. N. 47, 1999, p 201-252.

ALHASSEN, Maytha. **Please reconsider the term “arab spring”**. 2012. Disponível em: https://www.huffpost.com/entry/please-reconsider-arab-sp_b_1268971?guccounter=1. Acesso em: 02 jul. 2020.

BORG, Stefan. The Arab uprisings, the liberal civilizing narrative and the problem of orientalism. **Middle East Critique**, v. 25, n. 3, p. 211-227, 2016.

BRANDÃO, Helena N. **Introdução à análise do discurso**. Campinas: Edunicamp, 1995.

CAMARGO, Julia Faria. **Mídia e relações internacionais** : Lições da invasão do Iraque em 2003. 1 ed. Curitiba: Juruá, 2009.

CAMARGO, Julia Faria; ROCHA, Elizabete Sanches. **Análise de discurso e relações internacionais** : Considerações teórico-metodológicas. São Paulo: ABRI - Associação Brasileira de Relações Internacionais, 2011.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

CNN ARABIC STAFF. **How a fruit seller caused revolution in Tunisia**. 2011. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20110119031327/http://edition.cnn.com/2011/WORLD/afri ca/01/16/tunisia.fruit.seller.bouazizi/index.html>. Acesso em: 24 fev. 2021.

CNN WIRE STAFF. **Inspiration for violent protests in Tunisia dies**. 2011. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20110119062649/http://edition.cnn.com/2011/WORLD/afri ca/01/05/tunisia.death/index.html>. Acesso em: 19 fev. 2021.

DOTY, Roxanne Lynn. **Imperial encounters**: The politics of representation in North-South relations. U of Minnesota Press, 1996.

GANNA, Nouri (org.). **Making of the Tunisian revolution**: Contexts, architects, prospects. Edinburgh University Press, 2013.

GELVIN, James L. **The Arab uprisings: what everyone needs to know**. 2. ed. NY: Oxford University Press, 2015.

GODINHO, Luísa. Discourse and International Relations: A Theoretical and Methodological Approach. **JANUS. NET, e-journal of International Relations**, v. 7, n. 2, p. 1-13, 2016.

GUESMI, Haythem. **How the West hollowed out the Tunisian revolution**. 2020. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/opinions/2020/12/17/western-media-and-academia-hollowed-out-the-tunisian-revolution>. Acesso em: 12 abr. 2021.

JERÓNIMO, Patrícia. **A primavera árabe e o uso da força nas relações internacionais**. 1 ed. Minho: Edições Almedina, S.A., 2013. 123-144 p.

KARADSHEH, Jomana; WATSON, Ivan. **The Tunisian fruit seller who kickstarted Arab uprising**. 2011. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20110324013046/http://edition.cnn.com/2011/WORLD/meast/03/22/tunisia.bouazizi.arab.unrest/index.html>. Acesso em: 01 mar. 2021.

KESKES, Hanen; MARTIN, Alexander P.. Orientalism and binary discursive representations of Tunisia's democratization: the need for a "continuity and change" paradigm. **British Journal Of Middle Eastern Studies**, [S.L.], p. 1-20, 7 nov. 2018. Informa UK Limited.

MASO, Tchella Fernandes; ROCHA, Elizabete Sanches. Alteridad: la reinención de la paz en las Relaciones Internacionales. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 121, p. 5-24, 2020.

ONUF, Nicholas. **Making Sense, Making Worlds** : Constructivism in social theory and international relations. Nova York: Routledge, 2013.

ORLANDI. Eni Pulcinelli. **Análise do discurso** : princípios e procedimentos. 5. ed. Campinas: Pontes, 2005.

PERKINS, Kenneth J. **A History of Modern Tunisia**. 2. ed. Ny: Cambridge, 2014.

REJEB, Lotfi Ben. United States Policy towards Tunisia: What New Engagement after an Expendable 'Friendship'?. In: GANA, Nouri (org.). **Making of the Tunisian revolution**: Contexts, architects, prospects. Edinburgh University Press, p. 81-102, 2013.

RYAN, Yasmine. **One year on, Sidi Bouzid waits for change**. 2011. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/features/2011/12/18/one-year-on-sidi-bouzid-waits-for-change>. Acesso em: 20 fev. 2021.

SAFI, Michael. **'He ruined us': 10 years on, Tunisians curse man who sparked Arab spring**. 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/global-development/2020/dec/16/he-ruined-us-10-years-on-tunisians-curse-man-who-sparked-arab-spring>. Acesso em: 12 abr. 2021.

SAID, Edward W.. **Covering Islam** : How the Media and the Experts Determine How We See the Rest of the World. 2. ed. EUA: Vintage, 1997.

SAID, Edward W. **Orientalismo**: O Oriente como invenção do Ocidente. 1 ed. SP: Companhia das Letras, 2007.

SCHIOCCHET, Leonardo. Extremo Oriente Médio, Admirável mundo novo: a construção do Oriente Médio e a Primavera Árabe. **Revista tempo do mundo**, RJ, v. 3, n. 2, p. 37-82, ago. 2011.

SHAIKH, Salman. **Mohamed Bouazizi: A fruit seller's legacy to the Arab people**. 2011. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2011/12/16/world/meast/bouazizi-arab-spring-tunisia/index.html>. Acesso em: 02 mar. 2021.

SHIHADI, Migda. On the Difficulty in Predicting and Understanding the Arab Spring: Orientalism, Euro-Centrism, and Modernity. **International Peace Research Association**, [s.l], v. 17, n. 2, p.57-70, dez. 2012.

THUSSU, Daya Kishan. **International communication : Continuity and Change**. 1 ed. Londres: Arnold, 2000.

ZINGARELLI, Megan E.. **The cnn effect and the al jazeera effect in global politics and society** . 1 ed. Washington: Georgetown university, 2010.